

Bruxa Boa
em
Casa Nova



No primeiro livro da Bruxa Boa, uma avó chamada Lilibeth viveu algumas aventuras divertidas com sua neta Tatinha. A luta contra as Bruxas Más, Cara-de-Janela e Cara-de-Panela, o nascimento das maninhas gêmeas Isa e Dora, os trabalhos como aprendiz de bruxinha, um passeio à praia e outras coisas mais.

Depois disso, houve novidades: nasceu Diogo, o netinho menor de Lilibeth; outros netos cresceram, dois deles foram morar longe, um entrou para a faculdade.

A vida continuava, com tristezas e alegrias como a vida de todo mundo, e com algumas coisas bem engraçadas.

A aventura maior foi a mudança de casa. Aquela chamada "casa velha", onde Lilibeth morava no térreo, e Tatinha com seus pais e irmãs gêmeas no andar de cima, era uma casa antiga num jardim pequeno. Havia muitas plantas e flores, com lugarzinhos mágicos como a pedra debaixo da qual morava Dona Minhoca. Certa vez, Tatinha teve de lhe pedir um pum para colocar num vidro e fabricar uma poção mágica especial a fim de combater as Bruxas Más.



Mas Vovó começou a viajar muito, a casa dava um trabalho enorme, e o andar de cima foi ficando pequeno para tanta criança.

Então resolveram se mudar.

Lilibeth encontrou, no mesmo bairro, perto da escola e do shopping, um belo apartamento, não muito moderno, nem velho demais, com um terraço enorme. Das janelas e do terraço podia-se quase tocar as árvores de um grande parque.



Os pais das meninas encontraram um apartamento bem ao lado do edifício da Vovó, de modo que quando brincavam no pátio elas podiam chamar Lilibeth, e ela descia para ficar com as netas, ou abanava da sua janela.

Filhos e netos continuavam a vir almoçar ou brincar no apartamento de Lilibeth. Aos poucos, o terraço foi ficando cheio de plantas, passarinhos, duas redes e uma pequena piscina para os dias quentes demais.

No começo, Tatinha sentiu saudades da casa, mas logo se acostumou ao apartamento, de onde se via aquele parque com tantas árvores pertinho. Parecia até que moravam num sítio.



Certa vez, ela perguntou a Lilibeth:

— Vovó, você não acha que esse terraço pode virar um jardim encantado?

— Claro — respondeu Lilibeth. — Vai depender de nós.

Isa e Dora começavam a freqüentar o maternal da mesma escola do primo Diogo, onde Tatinha já estava na primeira série.

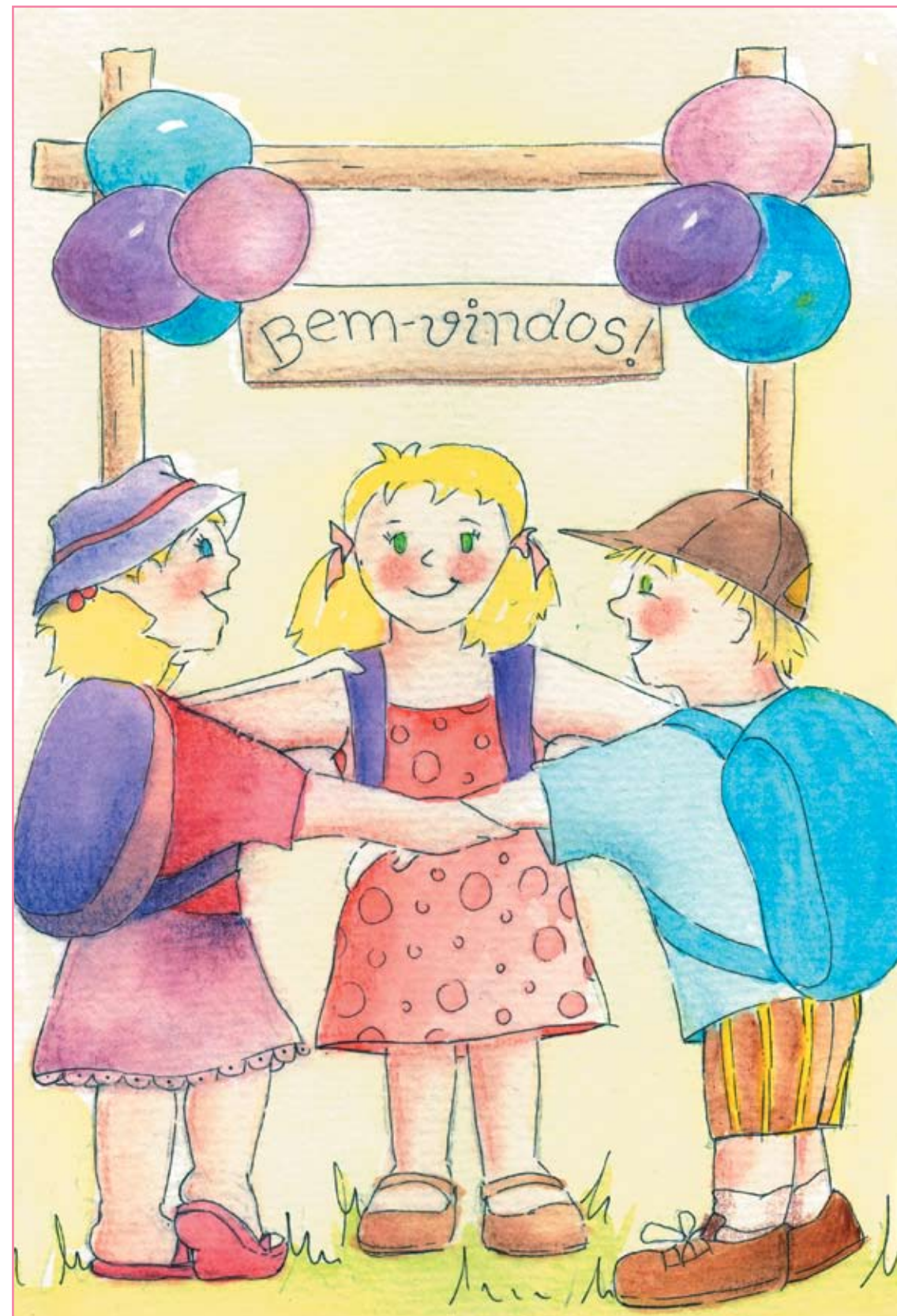
Nos primeiros dias ficavam meio choronas, Mamãe tinha de sentar-se no pátio lendo para que elas a pudessem enxergar e ficar mais tranqüilas. Depois de uns dias se acostumaram, e Mamãe ficou toda orgulhosa:

— Minhas três filhas são mesmo umas princesas — dizia brincando. — Em poucos dias se acostumaram com a escola, e logo se acostumaram também com a casa nova.

— O Diogo também se acostumou logo — disse uma das gêmeas, que estava ouvindo a conversa.

Lilibeth comentou que quando as mães e os pais ficam tranqüilos, as crianças em geral também ficam.

— Nervosismo, alegria, ansiedade, tudo isso contagia as crianças — disse Vovó.



Mamãe concordou, e disse:

— Mas não é fácil, a gente sempre se preocupa com os filhos.

— Mesmo quando eles já têm filhos! — completou Lilibeth, e todos começaram a rir.

Um dos filhos da Bruxa Boa tinha acabado de se mudar também, com sua mulher e os dois meninos, João e José, para muito longe, para outra região do Brasil.

Todos sentiam falta uns dos outros, mas também foram se acostumando. Além disso, acabavam se comunicando muito pelo computador.

— Morar perto é bom, mas melhor ainda é gostar um do outro, mesmo morando longe — escreveu o primo João num e-mail.

— A geografia não importa muito, importa o carinho — respondeu Vovó também pelo e-mail.

Os primos trocavam brincadeiras e notícias por e-mail com Tatinha, que já sabia ler, e esta ia contando tudo para as irmãs menores.

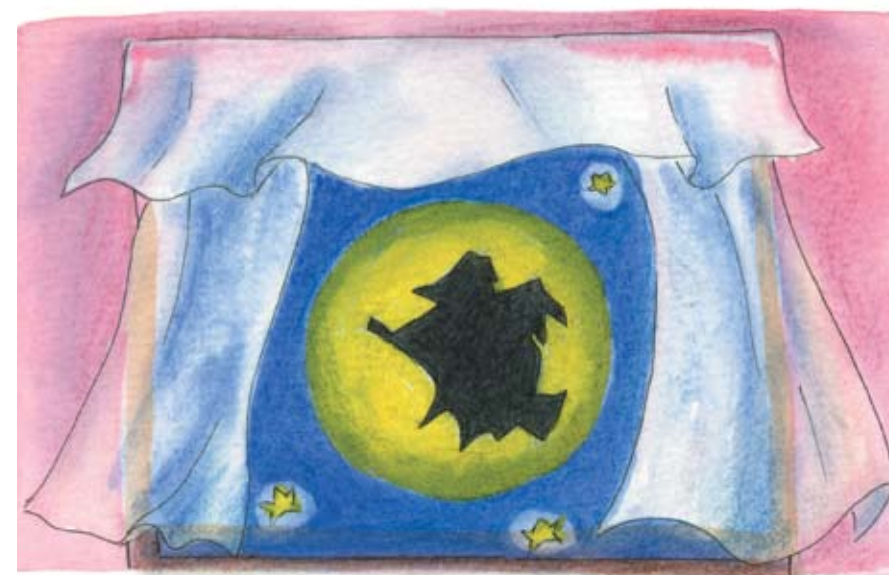
Assim foram todos aprendendo que mudar não é só perder, e que mudanças, mesmo dando susto, podem

trazer novidades boas. E que família pode ser unida mesmo morando separada.

— Uma família não se faz com paredes e portas — disse Vovó um dia —, mas com carinho e cuidado.

Com tantas novidades, Tatinha esquecera as duas Bruxas Más, Cara-de-Janela e Cara-de-Panela, que tinham dado tanto trabalho na casa velha.

— Vovó, você acha que elas vão aparecer por aqui, nesse andar tão alto? — perguntou um dia, espiando no escritório onde Vovó lidava no seu computador, enquanto as gêmeas Isa e Dora desenhavam no quarto de brincar. Para Lilibeth, nenhuma casa do mundo era boa sem um quarto de crianças.



Vovó tirou os óculos, e olhou com aquela sua cara de Bruxa Boa:

— Filhota, a gente nunca sabe do que uma bruxa é capaz. Logo vamos descobrir.

E com um sorrisinho meio esquisito virou-se de novo para o computador, e continuou a escrever.

Mas Tatinha insistiu:

— Vovó, a senhora trouxe aquelas poções mágicas que a gente preparou?

— Claro que sim — respondeu Lilibeth sem tirar os olhos do computador. — Você acha que sua avó é boba?



Tatinha voltou para o quarto de brincar pensando que, se Lilibeth tinha trazido as poções, com certeza esperava que algum dia Cara-de-Janela e Cara-de-Panela aparecessem.

Será que as vassouras delas tinham força para subir até o andar onde Lilibeth morava agora?

Num sábado, como fazia muitas vezes, Lilibeth tinha organizado um almoço de família na casa nova. Viriam Tatinha com suas irmãs e seus pais. Viriam também o filho de Vovó que morava na cidade, com a mulher e dois filhos — Diogo, o menorzinho dos netos dela, e Antônio, o maior de todos.

Quando estavam todos na sala, conversando e rindo, Lilibeth pediu silêncio e anunciou:

— Vamos subir ao terraço, porque lá tem uma novidade!

As crianças começaram a pular ao redor dela gritando:

— Conta o que é, Vovó, conta o que é!

Lilibeth insistiu:

— Deixem de ser preguiçosas, crianças. Vamos ao terraço e vocês vão descobrir.

No andar de cima, foram todos, pé ante pé, até o canto onde ficava uma jabuticabeira trazida com a mudança da outra casa. Estava plantada num vaso bem grande, e parecia contente, cheia de folhas novas.

— Olhem! — disse Lilibeth apontando o dedo gordinho, e inclinando-se para enxergar melhor assim de perto.

— O quê, o quê ? — perguntaram as três meninas ao mesmo tempo.

— Jabuticabas! — disse Lilibeth, feliz como se fosse criança também. — As primeiras frutas no terraço da minha casa nova! A jabuticabeira também gostou da mudança, e está cheia de frutas!



As meninas adoraram a novidade, e ficaram felizes, pois as frutinhas redondas já estavam maduras, pretas e doces, prontas para serem comidas.

Lilibeth lavou as jabuticabas na cozinha, e ficaram sentados todos na sala comendo. De repente Lilibeth deu uma risada e disse:

— Tem coisas que não mudam. Vocês sabem que, quando a mãe e os tios de vocês eram crianças, sentavam assim comigo comendo jabuticaba de outra árvore no pátio da casa? E que quando eu era criança fazia isso com minha mãe no jardim de outra casa ainda, aquela onde eu nasci, bem longe daqui?

— Vovó, conta do dia em que você subiu numa árvore e não conseguia mais descer! — pediu Isa, a mais perguntadeira das gêmeas.

— Ah — disse Lilibeth com uma risada —, essa história eu já contei mil vezes!

As três meninas e o primo Diogo começaram a pedir juntos:

— Conta, vovó! Conta, vovó!

Lilibeth começou a contar para as netas a história que elas não se cansavam de ouvir:

Ela tinha sido uma menina bem arteira, numa casa com jardim grande. Um dia subiu numa árvore e não conseguiu mais descer. Aí o jardineiro veio com uma escada, e ajudou a menina a chegar de novo no chão.



Enquanto escutavam as histórias de Vovó, Tatinha achou que estava ouvindo no terraço, lá em cima, um barulho muito esquisito. Não era pássaro nem vento, embora de repente soprasse um pé-de-vento bem forte. Esquisito, porque nem havia nuvens no céu.

Será que não era a risada das Bruxas Más, que moravam num buraco debaixo da calçada da rua da casa velha, com ratos pretos, feios e fedorentos?

